

**O que é Arte?**

Uma coisa que realmente não existe é aquilo a que se dá o nome de Arte. Existem somente artistas. Outrora, eram homens que apanhavam terra colorida e modelavam toscamente as formas de um bisão na parede de uma caverna; hoje, alguns compram suas tintas e desenham cartazes para os tapumes; eles faziam e fazem muitas outras coisas. Não prejudica ninguém chamar a todas essas atividades arte, desde que conservemos em mente que tal palavra pode significar coisas muito diferentes, em tempos e lugares diferentes, e que Arte com A maiúsculo não existe. Na verdade, Arte com A maiúsculo passou a ser algo de um bicho-papão e de um fetiche. Podemos esmagar um artista dizendo-lhe que o que ele acaba de fazer pode ser muito bom no seu gênero, só que não é “Arte”. E podemos desconcertar qualquer pessoa que esteja contemplando com prazer um quadro, declarando que aquilo de que ela gosta não é Arte, mas algo muito diferente.

Na realidade, não penso que existam quaisquer razões erradas para se gostar de um quadro ou de uma escultura. Alguém pode gostar de uma paisagem porque ela lhe recorda seu berço natal, ou de um retrato porque lhe lembra um amigo. Nada há de errado nisso. Todos nós, quando vemos um quadro, estamos fadados a recordar mil e uma coisas que influenciam o nosso agrado ou desagrado. Na medida em que essas lembranças nos ajudam a fruir do que vemos, não temos por que nos preocupar. Somente quando alguma recordação irrelevante nos torna parciais e preconceituosos, quando instintivamente voltamos as costas a um quadro magnífico de uma cena alpina porque não gostamos de praticar o alpinismo, é que devemos perscrutar o nosso íntimo para desvendar as razões da aversão que estraga um prazer que de outro modo poderíamos ter. Há razões erradas para não se gostar de uma obra de arte.

Muitas pessoas gostam de ver em quadros o que também lhes agradaria ver na realidade. Isso é uma preferência muito natural. Todos gostamos de beleza na natureza e somos gratos aos artistas que a preservaram em suas obras. Nem esses mesmos artistas nos repeliriam pelo nosso gosto. [...] Mas essa propensão para admirar o tema bonito e atraente é passível de se converter num obstáculo se nos levar a rejeitar obras que representam um tema menos atraente. [...] a beleza de um quadro não reside realmente na beleza de seu tema.

[...]

O problema com a beleza é que gostos e padrões do que é belo variam imensamente.

[...]

O que ocorre com a beleza ocorre também com a expressão. De fato, é frequentemente a expressão de uma figura na pintura que nos leva a gostar da obra ou detestá-la. Algumas pessoas gostam de uma expressão que possam facilmente entender e que, portanto, as comove profundamente. [...] não devemos, por essa razão, voltar as costas a obras cuja expressão talvez seja menos fácil de entender. [...] temos que aprender primeiro a conhecer os métodos de desenho para compreender os sentimentos do autor, a expressão da obra. Depois de adquirirmos a compreensão dessas diferentes linguagens, poderemos até preferir obras de arte cuja expressão é menos óbvia [...]. Assim como alguns preferem pessoas que usam poucas palavras e gestos, deixando algo para ser adivinhado, também há os que gostam de pinturas ou esculturas que deixem alguma coisa sobre que se possa conjecturar e meditar. Nos períodos mais “primitivos”, quando os artistas não eram tão habilidosos quanto hoje na representação de rostos e gestos humanos, é tanto mais comovente, com frequência, ver como eles tentaram, não obstante, expressar os sentimentos que queriam transmitir.

Mas, neste ponto, os principiantes defrontam-se amiúde com outra dificuldade. Querem admirar a perícia do artista em representar as coisas que eles veem. Gostam mais de pinturas que “parecem reais”. Não nego, nem por um instante, que isso é uma importante consideração. A paciência e a habilidade que contribuem para a reprodução fiel do mundo visível são, por certo, dignas de admiração. Grandes artistas do passado dedicaram muito labor a obras em que todos os pormenores, ainda que minúsculos, estão cuidadosamente registrados. [...]

Mas não é o esquematismo gráfico que aborrece principalmente as pessoas que gostam que seus quadros pareçam “reais”. Elas são ainda mais repelidas por obras que consideram incorretamente desenhadas, sobretudo quando pertencem a um período mais moderno em que o artista “tinha a obrigação de não fazer semelhantes tolices”. De fato, não há mistério algum a respeito dessas distorções da natureza, sobre as quais ainda ouvimos queixas e protestos em discussões acerca da arte moderna.

Quem já viu um filme de Disney ou um *cartoon* sabe tudo a esse respeito. Sabe que, por vezes, está certo desenhar coisas de um modo diferente do que elas se apresentam aos nossos olhos, modificá-las ou distorcê-las de uma forma ou de outra. O camundongo Mickey não se parece muito com um rato verdadeiro; no entanto, as pessoas não escrevem cartas indignadas aos jornais sobre o comprimento do apêndice caudal de Mickey. Os que penetram no mundo encantado de Disney não estão preocupados com a Arte com A maiúsculo. Não vão para seus espetáculos armados dos mesmos preconceitos com que visitam uma exposição de pintura moderna. Mas se um artista moderno desenha alguma coisa à sua maneira, está sujeito a que o considerem um trapalhão, incapaz de fazer melhor do que isso. Ora, seja o que for que pensemos sobre artistas modernos, podemos seguramente creditá-los com suficientes conhecimentos para desenharem “corretamente”. Se não o fazem, suas razões devem ser muito semelhantes às de Walt Disney. [...]

Existem duas coisas, portanto, que nos devemos perguntar sempre se achamos falhas na exatidão de um quadro. Uma é se o artista não teria suas razões para mudar a aparência daquilo que viu. [...] A outra é que nunca deveríamos condenar uma obra por estar incorretamente desenhada, a menos que tenhamos a profunda convicção de estarmos certos e o pintor errado. Somos todos propensos ao veredicto precipitado de que “as coisas não se parecem com isso”. Temos o curioso hábito de pensar que a natureza deve parecer-se sempre com as imagens a que estamos acostumados. É fácil ilustrar isso por uma surpreendente descoberta que foi feita não há muito tempo. Sucessivas gerações viram cavalos galopando, assistiram a corridas de cavalos e caçadas de montaria, deleitaram-se com pinturas e gravuras esportivas que mostram cavalos desfilando à carga em batalhas ou correndo atrás de galgos. Nenhuma dessas pessoas parece ter notado o que “realmente se vê” quando um cavalo corre. Pinturas e gravuras esportivas mostraram-nos de pernas esticadas em pleno voo [...]. [...] quando a máquina fotográfica foi suficientemente aperfeiçoada para obter fotos de cavalos em rápido movimento, essas fotos provaram que tanto os pintores como o público estavam errados o tempo todo. Jamais um cavalo a galope se moveu do modo que nos parece tão “natural”. Quando as pernas se despregam do chão, são movimentadas alternativamente para o impulso seguinte. Se refletirmos por um instante, concluiremos que dificilmente o animal poderia avançar de outro modo. Entretanto, quando os pintores começaram a aplicar essa nova descoberta, e pintaram cavalos correndo como realmente fazem, choveram as reclamações de que as imagens pareciam esquisitas, erradas.

Isso constitui, sem dúvida, um exemplo extremo, mas erros semelhantes não são tão raros, em absoluto, como se poderia imaginar. Todos nós somos inclinados a aceitar formas ou cores convencionais como as únicas corretas. Por vezes, as crianças pensam que as estrelas devem ter o formato estelar, embora não o tenham naturalmente. As

pessoas que insistem em que, num quadro, o céu deve ser azul e a grama verde, não são muito diferentes dessas crianças. Indignam-se se veem outras cores num quadro, mas se tentarmos esquecer tudo o que ouvimos a respeito de grama verde e céu azul, e olharmos o mundo como se tivéssemos acabado de chegar de outro planeta numa viagem de descoberta e o víssemos pela primeira vez, talvez concluíssemos que as coisas são suscetíveis de apresentar as cores mais surpreendentes. Ora, os pintores sentem, às vezes, como se estivessem empreendendo tal viagem de descoberta. Querem ver o mundo como se fosse uma novidade e rejeitar todas as noções aceitas e todos os preconceitos sobre a carne ser rosada e as maçãs amarelas ou vermelhas. Não é fácil libertarmo-nos dessas ideias preconcebidas, mas os artistas que melhor conseguem fazê-lo produzem frequentemente as obras mais excitantes. São eles quem nos ensinam a ver na natureza novas belezas de cuja existência nunca havíamos sonhado. Se os acompanharmos e aprendermos através deles, até mesmo um relance de olhos para fora de nossa própria janela poderá converter-se numa aventura emocionante.

Não existe maior obstáculo à fruição de grandes obras de arte do que a nossa relutância em descartar hábitos e preconceitos. Uma pintura que representa um tema conhecido de um modo inesperado é muitas vezes condenada sem outra razão melhor do que “não parece bem”. Quanto mais vezes tivermos visto uma história representada em arte, mais firmemente nos convencemos de que ela deve ser sempre representada de forma semelhante. A respeito de temas bíblicos, em especial, os sentimentos são suscetíveis de se manifestarem com veemência. Embora saibamos todos que as Escrituras nada nos dizem sobre a aparência física de Jesus, e que Deus não pode ser visualizado em forma humana, e apesar de sabermos terem sido os artistas do passado que criaram pela primeira vez as imagens a que nos acostumamos, algumas pessoas, no entanto, ainda são propensas a pensar que o afastamento dessas formas tradicionais equivale a uma blasfêmia.

De fato, foram usualmente aqueles artistas que leram as Escrituras com a maior devoção e atenção os que tentaram formar em suas mentes um quadro inteiramente original dos incidentes da História Sagrada. Procuraram esquecer todas as pinturas que tinham visto e imaginar como as coisas deviam ter sido quando o Menino Jesus foi deitado na manjedoura e os pastores vieram adorá-Lo, ou quando um pescador começou a pregar o Evangelho. Aconteceu repetidamente que tais esforços de um grande artista para ler um antigo texto com olhos inteiramente novos chocaram e irritaram pessoas irrefletidas. Um “escândalo” típico desse gênero estourou em torno de Caravaggio, artista italiano muito audacioso e revolucionário que trabalhou por volta de 1600. Recebeu a encomenda de pintar um quadro de São Mateus para o altar de uma igreja de Roma. O santo deveria ser representado a escrever o Evangelho e, para mostrar que

os evangelhos eram a palavra de Deus, teria que ser representado um anjo inspirando a escrita. Caravaggio, que era então um jovem artista muito imaginativo e decidido, pensou longamente sobre o que deveria ter sido a situação de um velho e pobre trabalhador, um simples publicano, quando teve subitamente que se sentar para escrever um livro. E, assim, pintou um quadro de São Mateus, calvo e descalço, os pés sujos de terra e poeira, agarrando desajeitadamente o enorme volume e franzindo ansiosamente o cenho, sob a tensão da inabitual tarefa de escrever. Ao lado do santo pintou um jovem anjo, que parece ter acabado de chegar das alturas e gentilmente guia a mão do trabalhador como uma professora pode fazer com uma criança. Quando Caravaggio entregou o quadro à igreja em cujo altar-mor seria colocado, as pessoas escandalizaram-se com o que consideraram ser uma falta de respeito pelo Santo. A pintura não foi aceita e Caravaggio teve que tentar de novo. Manteve-se, dessa vez, rigorosamente de acordo com as ideias convencionais da época sobre o aspecto que um anjo e um santo deviam ter. O resultado ainda é um bom quadro, pois Caravaggio empenhou-se arduamente em torná-lo vivo e interessante, mas não podemos deixar de sentir que o resultado foi menos vigoroso, menos honesto e sincero do que no primeiro quadro.

Esta história ilustra o dano que pode ser causado por aqueles que repudiam e criticam obras de arte por razões erradas. O que é ainda mais importante, prova-nos que aquilo a que chamamos “obras de arte” não é fruto de uma atividade misteriosa, mas são objetos feitos por seres humanos para seres humanos. Um quadro parece tão distante quando, emoldurado e envidraçado, o vemos pendurado numa parede. E em nossos museus é proibido — muito apropriadamente — tocar nos objetos expostos. Mas, originalmente, eram feitos para serem tocados e manipulados, eram motivo de negócio, de discussão e de preocupação. Lembremos que cada uma de suas características é o resultado de uma decisão pessoal do artista; que este pode ter meditado sobre elas e decidido alterá-las repetidas vezes, que pode ter hesitado sobre se deixar aquela árvore ao fundo ou pintá-la de novo, que pode ter ficado satisfeito com uma pincelada feliz que deu um súbito e inesperado brilho a uma nuvem iluminada pelo Sol, e que incluiu relutantemente esta ou aquela figura por insistência de um comprador. Pois a maioria das pinturas e esculturas que hoje se alinham ao longo das paredes dos nossos museus e galerias não se destinava a ser exibida como Arte. Foram feitas para uma ocasião definida e um propósito determinado, que estavam na mente do artista quando meteu mãos à obra.

Por outro lado, as ideias sobre que nós, os que estamos de fora, usualmente nos preocupamos, ideias sobre beleza e expressão, raramente são mencionadas pelos artistas. Nem sempre foi assim, mas foi o que se viu durante muitos séculos passados e o que voltou a ser agora. Em parte, a razão é que os artistas são, com frequência, pessoas tímidas que consideram embaraçoso usar palavras pomposas como “Beleza”. Sentir-se-iam bastante presunçosos se tivessem que falar sobre a “expressão de suas emoções” e usar chavões semelhantes. Tais coisas são consideradas axiomáticas pelos artistas, que acham inútil discuti-las. Essa é uma razão e, segundo parece, uma boa razão. Mas há outra. Nas preocupações cotidianas e concretas do artista, essas ideias desempenham um papel muito menor do que as pessoas de fora imaginam. Aquilo com que um artista se preocupa quando planeja seus quadros, faz seus esboços ou se interroga sobre se completou ou não sua tela, é algo muito mais difícil de converter em palavras. Talvez ele diga que se preocupa em sentir intimamente que sua criação está “certa”. Ora, somente quando entendemos o que ele quer dizer com essa modesta palavra “certo”, é que começamos a compreender o que os artistas realmente buscam.

Penso que só podemos alimentar a esperança de compreender isso se nos apoiarmos em nossa própria experiência. É claro, não somos artistas, possivelmente nunca tentamos pintar um quadro nem temos a intenção de o fazer alguma vez. Mas isso não significa que não nos defrontemos com problemas análogos àqueles que, somados, constituem a vida do artista. De fato, estou ansioso por provar que dificilmente se encontrará uma pessoa que não tenha conhecido, pelo menos, uma fração desse tipo de problema, ainda que seja num grau muito modesto. Quem tiver alguma vez tentado arranjar um ramo de flores, combinar cores ou mudá-las, acrescentar um pouco ali e tirar um pouco acolá, experimentou essa estranha sensação de equilibrar formas e cores sem ser capaz de dizer exatamente que espécie de harmonia está tentando conseguir. Pressentimos apenas que uma mancha de vermelho aqui pode fazer grande diferença, ou que este azul está bem, mas não “vai” com as outras cores ou tonalidades, e subitamente uma pequena haste de folhas verdes pode parecer que faz a combinação “certa”. “Não toque mais nisso”, exclamamos, “agora está perfeito!” Nem todo mundo, admito, é tão cuidadoso a respeito de um arranjo de flores, mas quase todos temos algo que queremos realizar na combinação “certa”. Pode ser apenas uma questão de encontrar o cinto certo que combina com uma determinada roupa ou nada mais impressionante do que a proporção certa de pudim e creme, digamos, no prato de um convidado. Em todos esses casos, por mais triviais que sejam, poderemos achar que um excesso ou uma carência de matiz perturba todo o equilíbrio, e que existe somente uma única relação que é a que deve ser.

[...] Como não existem regras para nos dizer quando um quadro ou uma estátua está perfeita, é usualmente impossível explicar com palavras exatamente por que sentimos que é uma grande obra de arte. Mas isso não significa que uma obra é tão boa quanto qualquer outra, ou que não se pode discutir questões de gosto. No mínimo, tais discussões fazem-nos olhar para quadros e quanto mais olhamos para eles mais notamos pontos que nos escaparam antes. Começamos a desenvolver uma sensibilidade peculiar para a espécie de harmonia que cada geração de artistas tentou realizar. Quanto maior for a nossa sensibilidade para essas harmonias, mais as desfrutaremos e isso, no fim de contas, é o que importa. O antigo provérbio de que gostos não se discutem pode muito bem ser verdadeiro, mas não deve esconder o fato de que o gosto é suscetível de ser desenvolvido. [...]

Cumpra reconhecer que, em arte, o gosto é algo infinitamente mais complexo do que o paladar refinado para alimentos ou bebidas. Não se trata apenas de uma questão de descobrir vários e sutis sabores; é algo mais sério e mais importante. Em última análise, os grandes mestres deram-se por inteiro em suas obras, sofreram por elas, suaram sangue sobre elas e, no mínimo, têm o direito de nos pedir que tentemos compreender o que eles quiseram fazer.

Fonte: GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Tradução: Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999. p. 15-36 (adaptado).

## Afinal, o que é Arte?

A arte tem sido definida de diferentes formas, sendo que nenhuma delas chegou a esgotar o seu conteúdo ou significado.

Arte, para H. W. Janson, é, em primeiro lugar, uma palavra que pode significar tanto o conceito de arte como a existência do objeto arte.

Para Karel Kosik a arte é parte integrante da realidade social, é elemento de estrutura de tal sociedade e expressão da prática social e espiritual do homem.

Já para M. Merleau-Ponty a arte não é tradução do mundo, mas a instalação de um mundo. “A expressão não pode ser então a tradução de um pensamento já claro, pois que os pensamentos claros são os que já foram ditos em nós ou pelos outros”.

Alguns artistas também tentaram definir um conceito para a arte, conheça alguns:

“Será Arte tudo o que eu disser que é Arte” (Marcel Duchamp).

“A Arte é uma mentira que nos permite dizer a verdade” (Pablo Picasso).

“A Arte não reproduz o visível, torna visível” (Paul Klee).

“A Arte não tem nada a ver com o gosto, não há nada que o prove” (Marx Ernst).

“A beleza perece na vida, porém na Arte é imortal” (Leonardo Da Vinci).

“A fantasia, isolada da razão, só produz monstros impossíveis. Unida a ela, ao contrário, é a mãe da Arte e fonte de seus desejos” (Francisco de Goya).

“Enquanto a ciência tranquiliza, a Arte perturba” (George Braque).

“Se eu pinto meu cachorro exatamente como é, naturalmente terei dois cachorros, mas não uma obra de arte” (Johann Wolfgang Von Goethe).

Uma obra de arte, para ter qualidade, tem que ser necessariamente bonita? Por quê?

E você, como definiria arte?